

a voz do povo

orgão dos Trabalhadores Portugueses
da Emigração

Nº 4

Agosto-Setembro 1968

Ano I



VOZ DO POVO, VOZ DA RAZÃO.....provérbio

.....

editorial

AS MOSCAS E O SISTEMA...

Na tomada de posse do sucessor de Salazar, fora o que de nebuloso havia no seu discurso, duas afirmações eram claras: a guerra colonial continua e o comunismo também, mas a ser proibido e perseguido como até agora.

Porque, é na base destas duas coordenadas que o seu governo continuará a ditadura burgueso-fascista sem Salazar, facto do contrário, o consentimento do exército, da igreja e do grande capital nacional e internacional, não lhe seria dado.

Que não hajam ilusões entre os mais optimistas. O sistema continua. A PIDE, feroz, implacável e bestial como sempre, de braço dado com as outras forças de repressão. A igreja, tradicionalista, retrógada, cínica e cúmplice. As condições económicas e sociais, imutáveis ou piorando, com todas as reformas por fazer. E o país cada vez mais

olonizado pelo capitalismo estrangeiro. E etc, etc, etc.

Não fora a distância, e mais uma vez o meu amigo Júlio, urbeiro de profissão, me diria com o seu ar resignado:

"isto amigo, a m.... é a mesma, só as moscas é que mudam".

actualidade nacional

O QUE SALAZAR NOS DEIXOU

40 anos ao serviço do grande capital português e estrangeiro que se podem resumir nisto:

- Portugal é o país da Europa onde há mais analfabetos: 38 % da população com mais de 15 anos.
- Portugal é o país da Europa onde morrem mais crianças de tenra idade, seja com falta da assistência médica, seja com falta de alimentação apropriada: 88,8 por mil (46,9 por mil em Espanha).
- Portugal é o país da Europa onde 55 % das crianças nascem sem a assistência de parteiras ou de médicos.
- Portugal é o país da Europa com o nível de vida mais baixo (1/4 do da França): o rendimento por habitante não ultrapassa 300 dólares por ano (nitidamente inferior ao da Turquia).
- Portugal encontra-se numa guerra colonial que dura há já 7 anos, que monopolisa mais de 125.000 jovens portugueses (refractários e deserdores: 34 % em 1967) e que é o maior sorvedouro das nossas economias.
- Portugal "investe" mais de 40 % do orçamento nacional no orçamento militar (o orçamento da Educação Nacional é de 2 %, inferior ao da G.N.R.).
- Portugal é um país desacreditado internacionalmente.
- Portugal é o país em que mais de 1 milhão de trabalhadores tiveram de partir para o estrangeiro porque no seu país não podiam esperar melhores condições de vida - mais de 160.000 trabalhadores portugueses abandonam o país em cada ano.
- Portugal é o país do êxodo massivo dos estudantes, intelectuais, artistas e cientistas.
- Portugal é o país das prisões e campos de concentração repletos de patriotas e das torturas "tipo inquisição" praticadas pela gestapo portuguesa, a P.I.D.E.

É Portugal um país pobre? É o que Salazar nos quis impingir durante 40 anos. Portugal tem sido mal governado, é tudo. Aí tudo é feito em benefício do forte e do rico, o pobre não sendo senão uma besta de carga.

Portugal é o país da Europa onde há mais pobres, mas as famílias mais ricas da Europa são também portuguesas: a família dos banqueiros Espírito-Santo, os condes de Caria, os Manuel de Melo, os Manuel Vinhas, os Maurício Vieira de Brito, os condes de Riba d'Ave, etc.

O chefe do Estado inaugurou há meses no Estoril o mais luxuoso casino da Europa.

Portugal não é um país pobre, então porque há tanta miséria no Povo Português? Porque o REGIME NÃO ERA SÓ SALA ZAR: o regime era e é a união do grande industrial, do alto clero e do fazendeiro africanista. Pelo que estes repartem entre si e com os capitalistas estrangeiros, o enorme "bolo" das riquezas nacionais enquanto que o trabalhador "enche a barriga de misérias".

("Jornal do Emigrante" N° 4, Outubro de 1968. Publicação da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular: 3, rue Récamier....Paris-7).

SOBRE A PRISÃO DE UM COMANDO DA L.U.A.R.

Como é do conhecimento geral, dada a larga difusão na imprensa internacional, a 20 de Agosto foi preso em Portugal um comando de "terroristas", segundo a Pide, composto de 6 homens da LUAR (Liga de União e de Acção Revolucionária) — Inácio Palma, Filipe Aleixo, Joaquim Ramos da Silva, Carlos Pereira, Fernando Marques e João Guerreiro — que havia entrado clandestinamente no país juntamente com outros comandos.

Posteriormente foram presos mais 3 elementos da LUAR, entre os quais Fernando Branco, e descobertos importantes esconderijos de armas e munições.

Em vez de comentarmos este acontecimento, achamos mais útil transcrever algumas passagens dum comunicado distribuído pela LUAR em Setembro de 1968 e que acabamos de receber, porque neste comunicado a LUAR comenta as prisões, define uma linha política e presta contas ao Povo Português da sua actividade.

Algumas passagens do "comunicado da LUAR":

1. No dia 20 de Agosto de 1968 foi preso em Trás-os-Mon-

tes um comando armado da LUAR dirigido por Inácio Palma. Em comunicado especial a PIDE anunciava estas prisões e referia-se a outros grupos da nossa organização, animados segundo ela, de intenções "terroristas".

... ..
Com efeito, existiam outros comandos da LUAR, que deveriam concretizar a acção. Não obstante um aparelho repressivo nunca visto e especialmente montado para os aniquilar, a polícia nada conseguiu, graças ao apoio que a população lhes deu.

Foi um lamentável incidente de viação, que a organização não foi capaz de prever, que provocou a prisão de Inácio Palma e dos seus companheiros. E desde já é de salientar o facto de só se terem rendido depois de esgotadas as munições, cercados por consideráveis forças de polícia com cães, e não sem que primeiro tivessem ferido agentes da repressão.

... ..
2. É preciso dizer toda a verdade ao Povo. A acção iniciada falhou, alguns valorosos combatentes estão hoje nas garras da PIDE, ficámos sem algum material. Tudo isto é mau, não vimos aqui dar desse falhanço, desculpas de mau pagador. A única desculpa, serão as nossas próximas acções. O que pretendemos, isso sim, é explicar o que íamos fazer e como, destruir a lenda do "terrorismo" e esclarecer as nossas intenções.

Quando foi preso, Inácio Palma dirigia uma operação conjunta de grupos armados da LUAR. Esses grupos estavam a convergir para a Covilhã. Tratava-se de tomar essa Cidade, de a ocupar durante algumas horas, anulando a acção das forças repressivas. Reunir-se-iam então com a população para falar dos grandes problemas nacionais e deixar estabelecida na região uma testa de ponte político-militar. Não pretendíamos aguentar um reduto, tarefa por ora excessiva e que seria paga pelos sofrimentos da população.

A nossa força começa pelas armas. Sabemos que face aos instrumentos repressivos da ditadura, a maioria do Povo Português terá de sentir-se armado para realizar combates decisivos. Mas a força militar não basta: são necessárias greves, propaganda, manifestações populares.

As nossas armas estarão ao serviço de uma política. Essa política consiste em transformações profundas na terra, na indústria, no comércio, na saúde, na assistência,

no ensino, enfim, em toda a vida económica e social do País. Consiste ainda em acabar com a guerra colonial, para colaborar estreita e amigavelmente com Angola, Moçambique e Guiné Independentes. E, não tenhamos ilusões, só a acção armada nos permitirá conseguir isso.

... ..

3. É preciso dizer toda a verdade. É preciso portanto prestar contas ao Povo, do dinheiro que recuperámos na Figueira da Foz.

O montante desta recuperação foi de cerca de 29.200 contos, dos quais só 4.700 se podiam utilizar sem perigo, uma vez que o restante era constituído por notas de que a PIDE possuía o número que comunicou a todos os Bancos nacionais e estrangeiros.

... ..

Perseguidos pela Interpol desde a sua chegada em França, aqueles dirigentes da LUAR (os 4 fundadores da LUAR, Inácio Palma, Luis Benvindo, Camilo Tavares Mortágua e António Barracosa) procuraram pôr a salvo o dinheiro. E assim, tendo conhecido o Dr. Emídio Guerreiro e os seus amigos José Augusto Seabra e Fernando Echevarria, pessoas que lhes eram indicadas como sérias, não tiveram dúvidas em lhes confiar uma parte das notas marcadas e 109.438 US dólares, mais 41.000.000 em moeda portuguesa corrente. Desse dinheiro, foram restituídos a LUAR para despesas de organização, cujo detalhe será apresentado em tempo oportuno, a quantia de 41.100 US dólares aproximadamente.

Neste momento, o Dr. Emídio Guerreiro e os seus colaboradores continuam depositários de cerca de 1.955 contos pertença da LUAR. Contra tudo o que seria de esperar de pessoas tidas como honestas, estes indivíduos recusam-se a devolver esse dinheiro.

... ..

A LUAR, por decisão unânime dos seus dirigentes e quadros responsáveis, considera muito grave esta atitude. A LUAR, considera que ela é tomada deliberadamente para impedir a luta revolucionária que já demonstrou estar disposta a levar a cabo.

... ..

Porém, consciente da gravidade deste facto, a LUAR não podia deixar de o tornar público antes de aplicar, em momento oportuno, as sanções revolucionárias que o comportamento daqueles indivíduos requiere.

4. A LUAR escolheu a luta armada para obter o aniquilamento do regime reaccionário que oprime o Povo Português. Ao fazermos esta escolha estávamos conscientes das dificuldades enormes que iríamos ter.

... ..
 A LUAR também não entrará nas costumadas alianças de organizações ou grupos políticos. A LUAR só se unirá com quem lutar efectivamente, com quem faça a acção revolucionária.

5. Perante a expectativa da morte de Salazar é natural que possam surgir na cabeça das pessoas, esperanças de mudança do regime. Para nós, estas ilusões são fruto de uma abdicação da luta revolucionária.

Para nós, a História não se modifica com a morte de um homem. A natureza de um regime não se altera pela simples mudança de nomes.

O nosso combate é o combate do Povo Português, dos trabalhadores, da juventude, dos estudantes e intelectuais, na luta contra a ditadura, a exploração e a guerra colonial.

A LUAR, não deporá as armas até à vitória final.

A LUAR VENCERÁ.

notas e factos

O POVO PORTUGUÊS EM LUTA!

- A população de Beja revolta-se contra militares alemães da Base Aérea - no recinto da feira de Beja, na madrugada do 12.8, generalizou-se zaragata entre alguns cidadãos alemães, que se encontram na Base Aérea de Beja, e alguns portugueses. A PSP conseguiu serenar os ânimos, sem efectuar prisões. ("O Primeiro de Janeiro": 13.8.68)

- Uma centena de pessoas do Porto, numa petição enviada no 24.9 ao presidente Thomaz, pedem o restabelecimento da democracia em Portugal, através da dissolução da Assembleia Nacional, da organização de eleições livres sem de mora, da revisão da Constituição, da abolição da censura, da amnistia dos presos políticos e da restauração das liberdades cívicas. Esta petição assinada por escritores, advogados, jornalistas, architectos e membros do professorado, constata que "o país sofre uma crise de po

der que o actual regime não pode resolver" e acrescenta que "a direcção da vida nacional está à mercê da pressão dos grupos e das alianças nos bastidores, voltando as costas ao povo, e isto pode provocar um longo período de instabilidade".

- Cem democratas de Braga, numa petição enviada ao presidente da República, pedem a dissolução imediata da Assembleia Nacional, a abolição da censura e a realização de eleições honestas, declarando ainda que "após tão longa ditadura, um clima de diálogo deve ser instituído sem perda de tempo". ("Le Monde": 27.9.1968).

OS LUCROS DOS MONOPÓLIOS!

A TAP (Transportes Aéreos Portugueses) continua a ter lucros fabulosos que, como o comprova o relatório de contas relativo ao exercício de 1967 tornado público em Agosto, ascenderam à bagatela de 51.825 contos (1.445.481 contos de receitas - 1.393.656 contos de despesas e amortizações) isto, claro está, os lucros confessados publicamente porque uma boa maquia é sempre dividida pela calada entre os "maiorais".

OS TRIBUNAIS BURGUESO-FASCISTAS ESPANHOIS CONDENAM ANTIFASCISTAS PORTUGUESES!

Júlio dos Santos Alves, Francisco José Seruca de Carvalho e José Paulo Lima Matias, membros da LUAR, presos pela polícia espanhola em colaboração estreita com a Pide, no dia 13.1.1968 na fronteira franco-espanhola de Irun quando entravam clandestinos em Portugal, acusados de porte d'arma proibida e de uso de falsos passaportes, foram julgados dia 30.7 em São-Sebastião e condenados a um ano de prisão e 10.000 pesetas de multa, os 2 primeiros, e absolvido pagando no entanto a mesma multa, o último.

A REPRESSÃO ABATE-SE SOBRE O POVO PORTUGUÊS!

Francisco Canais, responsável comunista, procurado desde há meses pela Pide, foi preso perto de Lisboa. ("Le Monde": 29-30.9.1968).

SABIA QUE...

- O comércio de retalho em Portugal:
 - . comporta 95.000 armazéns, onde trabalham 220.000 empregados ou seja 7 % da população activa;
 - . há 1 armazém por 98 habitantes e 2,3 empregados por

- cada armazém;
- . um movimento cooperativo nascente se desenvolve em Portugal com a ajuda de capital sueco;
 - . o maior comércio de retalho, género "grande armazém" à base de capital privado, é GRANDELLA & Co em Lisboa. (chifras de 1967: AELE).
- O rendimento da agricultura portuguesa:
- . por hectare (factor determinante do volume total da produção agrícola): ocupa um lugar médio na escala mundial, entre a Malásia e a Jugoslávia;
 - . por trabalhador agrícola do sexo masculino (factor determinante do rendimento da população camponesa): ocupa o último lugar na escala mundial!
 - . não admira portanto a miséria que vitima os camponeses portugueses! (gráficos da FAO-ONU, para 1967).
- A ajuda de Portugal aos países sub-desenvolvidos:
- . em 1962, Portugal ocupou o 2º lugar com 1,63 % da receita nacional, a seguir à França;
 - . em 1966, Portugal ocupou o 6º lugar com 1,14 % da receita nacional, à frente dos USA;
 - . em 1967, Portugal ocupou o 3º lugar com 1,08 % da receita nacional, a seguir à França e Países-Baixos.
 - . É PRECISO TER-SE CORAGEM E SER-SE CÍNICO para ajudar outros países quando a miséria vitima largas camadas da população do próprio país. Mas para continuar com a falsa imagem, no estrangeiro, de um PORTUGAL PRÓS-PERO e para continuar a ter o apoio militar e político dos imperialistas, é preciso "apertar o cinto" ao Povo Português para ajudar outros Povos!

guerra colonial

ANGOLA

- Declaração de Agostinho Neto na OUA: este dirigente do Movimento Popular de Libertação de Angola afirmou que "é possível generalizar a luta e reforçar as posições do MPLA nas regiões libertadas". Esclareceu que "estou pronto a aceitar uma solução política partindo do princípio que o nosso direito à independência não se discute...Mas uma tal solução não está para breve".
- Polícias Katangueses em Angola: 14 prisioneiros portu-

gueses presos em Junho pela ANC (Exército Nacional Congoês), declararam na TV congoleza que 3 mil polícias katangueses são treinados regularmente em Angola por oficiais do Exército Português.

("Gazette de Lausanne": 31.7.68).

G U I N É - B I S S A U

- Comunicado do PAIGC: no seu comunicado de guerra do 19 de Julho último, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde salienta "a tomada de Béli a 19.6, centro principal da região de Boé e a tomada, após vigorosos ataques, das fortalezas militares coloniais de Contabani e Gâ-Génia a 1.7, Culbia e Cumbidjâ a 10.7 e Cachtil a 16.7". Por outro lado, o comunicado do PAIGC relata as embuscadas vitoriosas que os seus combatentes levaram a cabo contra destacamentos de tropas colonialistas portuguesas: "a 5.7 um destacamento português que, vindo de Buba, tentava transportar reforços à fortaleza militar de Kébo, caiu numa embuscada tendo sido destruídos 3 camiões e vários outros danificados, enquanto que as perdas portuguesas montavam a 23 mortos e feridos; a 1.7, nas proximidades de Catio, principal centro urbano do Sul do país, as tropas portuguesas caíram em 2 embuscadas tendo debandado sob a protecção de helicópteros e tendo abandonado no terreno 7 cadáveres, 9 FM G3 e uma importante quantidade de munições".

- Condenação de Portugal na ONU pelo emprego de armas de destruição massiva na Guiné - a 24.9, por 19 votos e 4 abstenções (USA, Inglaterra, Itália e Austrália), o Comité da descolonização "condenou o governo português por ter empregado o NAPALM e o FÓSFORO BRANCO e por se preparar a utilizar produtos químicos desfolhantes e gases tóxicos no prosseguimento da sua GUERRA COLONIAL contra o Povo da Guiné-Bissau".

- Declaração de Amílcar Cabral na OUA: o secretário-geral do PAIGC afirmou na reunião cimeira da Organização de Unidade Africana tida em Setembro na Argélia, que "os combatentes do PAIGC controlam 2/3 do território da Guiné-Bissau apesar da existência de 50 fortalezas militares coloniais". Acrescentou ainda que "nós consideramo-nos doravante como um Estado agredido, cujos principais centros continuam ocupados pelo inimigo". Terminou pelo esclarecimento de que "não existe mais o poder administra-

tivo português nos territórios que controlamos", "rejeitamos o terrorismo urbano, mas pensamos estender próxima mente a guerrilha às Ilhas de Cabo-Verde".

M O Ç A M B I Q U E

- Venda de Moçambique ao capital internacional - à "The Messina Transvaal Development Company, Lda" foi concedida, pelo governo português, uma licença de exclusivo de pesquisas para todos os produtos, com excepção de diamantes, petróleos, carvão, outros combustíveis sólidos e minerais rádio-activos, em determinada área de Moçambique. ("Jornal de Notícias": 1.8.1968)

- Comunicado da FRELIMO: a Frente de Libertação de Moçambique, no seu comunicado de guerra do 26.9, afirma que "mais de 1.500 soldados portugueses foram mortos no decorrer dos últimos 4 anos", "20 aviões portugueses foram abatidos e mais de 100 veículos militares foram destruídos no mesmo período". A FRELIMO termina o seu comunicado afirmando que "a morte do presidente Salazar não mudará em nada a política colonial portuguesa".

- Eduardo Mondlane reeleito presidente da FRELIMO: no 1º Congresso da FRELIMO depois do último em Setembro de 63, realizado em Julho 68 na província libertada do Niassa, com a participação de 250 membros durante 6 dias e ao qual assistiram observadores dos movimentos de libertação da África do Sul, da Rodésia e de Angola, tendo sido reeleito o presidente Mondlane e tomadas outras decisões relativas à actividade futura da FRELIMO.

M O R T O S N A G U E R R A

Cerca de 200 mortos na Guerra Colonial no período de Junho, Julho e Agosto, eis a lista estabelecida segundo os comunicados de "Informação" das Forças Armadas pelo "Jornal do Emigrante" que, no seu Nº 4 de Outubro 68, a apresenta detalhadamente com nomes dos militares, localidade de origem, colónia onde morreram, etc., salientando que NÃO É COMPLETA, dado que, como toda a gente sabe, os serviços das Forças Armadas têm por hábito de ocultar o número real das baixas.

O COLONIALISMO PORTUGUÊS TENTA ESTENDER A GUERRA COLONIAL AOS PAÍSES VISINHOS!!

Kenneth Kaunda, presidente do Zâmbia, anunciou que a

aviação portuguesa bombardeou de novo uma aldeia do seu país fronteiriça com Angola, perto de Kabompo, matando 2 pessoas e ferindo 4 outras. ("Le Monde": 24.9.1968).

atualidade internacional

PIERRE MULELE: UM TRAIADOR QUE CONFIU NOS TRAIDORES?

1. Cronologia dos acontecimentos.

A 29 de Setembro, as agências de imprensa difundiam uma notícia aparentemente insólita: "Pierre Mulele, o legendário chefe guerrilheiro congolês, regressou a Kinshasa para beneficiar da amnistia oferecida por Joseph Mobutu".

As agências acrescentavam que Mulele tinha feito a viagem de Brazzaville a Kinshasa a bordo dum iate alugado especialmente por Mobutu, em companhia de Justin-Marie Bomboko, ministro dos Negócios Estrangeiros do eis-Congo Belga.

Se esta notícia foi motivo de estupefacção para os revolucionários do mundo inteiro, a sua confirmação foi-o ainda mais.

A 6 de Outubro, o presidente Mobutu afirmava em Alger que "não haverá perdão para Mulele", causando um profundo espanto nos meios diplomáticos africanos.

A 7 de Outubro começa às 17 h. o julgamento do eis-chefe guerrilheiro Mulele num tribunal militar, composto de 3 oficiais superiores e funcionando à porta-fechada num local mantido secreto.

Na manhã do 8 de Outubro, o tribunal militar torna pública a **CONDENAÇÃO À MORTE** de Mulele, após duas horas de deliberações.

Imediatamente após a leitura da sentença, Mulele faz um "pedido de indulto" junto do presidente Mobutu com vistas a obter "perdão" e não ser executado.

Na tarde do 8 de Outubro, o presidente Mobutu recusa o "pedido de indulto" feito por Mulele.

Às 5 h. e 30 do 9 de Outubro, Mulele É EXECUTADO pelo governo do general Mobutu.

2. Mulele com o povo oprimido do Congo (K).

Pierre Mulele foi um dos mais próximos colaboradores de Patrice Lumumba, que lhe havia confiado a pasta da

Educação assim como outras responsabilidades políticas de grande importância.

Após o assassinato de Lumumba, a 14 de Fevereiro de 1961, e a violenta repressão desencadeada pelo governo de Kasavubu, no seio do qual Mobutu e Bomboko ocupavam postos importantes, os revolucionários começaram a reorganizar-se para retomar a luta.

Foi assim que em 1963, os emigrados revolucionários fundam o Comité Nacional de Libertação com base num programa anti-imperialista análogo ao de Lumumba: libertação nacional e liquidação da dominação imperialista.

Enquanto que os belgas e os norte-americanos se disputavam o controle das imensas riquezas do Congo, Mulele seguia para a República Popular da China para aí receber uma preparação militar e, em Novembro de 1963, ele abria a primeira frente de guerrilha na província de Kwilu, no sudoeste do país.

A insurreição popular propagou-se rapidamente. Novas frentes começaram a operar vitoriosamente. No Kivu, uma rebelião dirigida por Gaston Soumaliot rebentou e controlou totalmente Stanleyville, até aí se formar um Governo Revolucionário Popular.

Nos fins de 1964, várias centenas de paraquedistas belgas, mercenários provenientes da Rodésia, da África do Sul e da Alemanha Ocidental, e contra-revolucionários cubanos foram lançados sobre Stanleyville por aviões americanos C-130.

Os mercenários do imperialismo massacraram os patriotas e a população civil, fazendo mais de 30 mil mortos.

Após tal golpe severo, o movimento revolucionário congolês começou a reorganizar-se no exílio, apesar das diversas lutas intestinas acima das quais se destacava a figura de Pierre Mulele, símbolo da resistência combativa e permanente das florestas de Kwilu.

Durante cinco anos, o nome de Pierre Mulele polarizou todas as esperanças do povo congolês oprimido.

Hoje, o ídolo de pés de barro desmoronou-se.

3. Mulele com os assassinos de Lumumba.

À sua chegada a Kinshasa, Pierre Mulele assistiu a uma recepção organizada "em sua honra" pelo chefe do Exército e à qual assistia o governo por inteiro. Soube-se que alguns "convivas" chegaram ao ponto de dar-lhe o título de "ministro".

No entanto, algumas horas mais tarde, o presidente Mo-

butu anunciava a sua intenção de o fazer passar em julgamento "pelos crimes de guerra cometidos" durante a sua rebelião.

Os próprios factos levantam questões: Será que, além de ser um traidor, Mulele teria podido ser tão ingénuo para confiar nas garantias oferecidas por um fantoche cuja vida é uma sucessão de traições?

Mulele não se lembrava que Justin Bomboko era ministro dos Negócios Estrangeiros no governo de Lumumba e foi um dos principais autores intelectuais do assassinato deste em Thysville?

Mulele teria esquecido que Bomboko, com atribuições equivalentes às de um primeiro ministro, se encontrou à cabeça do Colégio dos Comissários Gerais, criado imediatamente depois da destituição de Lumumba?

Não se lembrava ele também que dois dias após o golpe de Estado contra o seu governo e pouco antes da sua prisão, Lumumba denunciara, na rádio, Mobutu, Kasavubu e Bomboko como traidores à causa africana e fantoches do imperialismo?

Mulele ignorava que, sob as ordens de Mobutu e de Bomboko, a sua esposa e os seus 4 filhos foram assassinados o ano passado à saída dum mercado de Kinshasa?

Como pôde Pierre Mulele esquecer que em 1960, foi aquele que então era o sargento Mobutu, quem dirigiu o golpe de Estado que derrubou Lumumba, para o assassinar em seguida de acordo com Moïse Tshombé e segundo as instruções do imperialismo ianque?

Como pôde Pierre Mulele esquecer que Mobutu recebeu das mãos do presidente Kasavubu o posto de general e de chefe do Exército como recompensa por esta façanha?

Como pôde Mulele declarar agora que jamais tivera a menor ajuda durante os cinco últimos anos, quando em Junho de 1967 era organizado o batalhão "Patrice Lumumba", comandado por Thomas Mukwidi, com a missão específica de entrar em contacto com ele e de se unir às suas forças?

As últimas notícias relativas a esta coluna militar revolucionária montam a Agosto de 1967 e falavam dum combate contra as forças inimigas, quando ela se encontrava em marcha para se reunir com Mulele.

Perante os acontecimentos actuais, os revolucionários são levados a perguntarem-se o que pode dizer Mulele da sorte dos heróicos combatentes do batalhão "Patrice Lumumba" e do seu chefe Thomas Mukwidi.

Pierre Mulele não sabia pois que o grupo de fantoches

que se encontraram à frente do Congo (K), de Kasavubu a Mobutu, não fez senão representar os interesses imperialistas, de abrir completamente as portas do seu país à pilhagem da nação e ao massacre do povo, de sabotar as actividades dos movimentos de libertação nacional e de pôr em marcha uma hábil política de reconciliação com os governos progressistas de África, entre os quais vários foram os que se deixaram iludir por esta manobra da CIA?

Pierre Mulele ignorava que o Congo-Kinshasa é hoje um paraíso de traidores, de mercenários cubanos, de representantes dos monopólios internacionais que rapinam avidamente o cobre, o urânio, o cobalto e os diamantes, ao preço do sangue do povo congolês oprimido?

Ou Pierre Mulele sofria duma estranha amnésia que, no entanto, não o impediu de tomar o caminho de Kinshasa e lhe fizera recusar a hospitalidade revolucionária dos governos amigos, ou então trata-se de um traidor que confiou nos traidores e calcou aos pés os ideais que o haviam impellido um dia ao combate.

Se um pronto e profundo esclarecimento não tiver lugar, logo que os revolucionários do Congo (K) varrerem com os opressores e julgarem os traidores, o nome de Pierre Mulele estará na cabeça da lista, mesmo morto.

povos em armas

GUERRA DO VIETNAME

- Mais de 4.000 aparelhos da aviação americana abatidos: A 9.9, o comando militar americano de Saigão confessou que 2.340 aviões e 2.013 helicópteros tinham sido perdidos no Vietname desde o início da guerra. O número real das perdas é no entanto superior ao "confessado". Senão vejamos: os americanos dizem que perderam no Vietname do Norte 888 aparelhos enquanto que Hanoi comemorou há meses a queda do 3.000º avião americano.

- 2.581.876 toneladas de bombas lançadas no Vietname do Norte entre Fevereiro 65 e Julho 68 - tal é o número de Kgs de aço despejado sobre o Vietname do Norte no decurso de 107.700 missões militares.

- As perdas americanas - até ao 6.9, o número total das baixas americanas no Vietname eleva-se a 200.515 homens,

e a partir do 1.1.61, repartindo-se da maneira seguinte: 27.509 mortos, 171.809 feridos e 1.197 desaparecidos. Este montante jamais foi atingido na guerra da Coreia.

- Efectivos do corpo expedicionário americano - atingiam 539.500 homens a 6.9, aos quais é preciso juntar 35.000 homens da VIIª esquadra americana e dos serviços guarda-costas sem falar já nas bases estabelecidas nalguns países asiáticos, cujos militares participam também na guerra, como a Tailândia, o Laos, etc.

- O preço das árvores: os americanos gastaram 68 milhões de dólares em 2 anos e meio, para desfolhar 5 % do território do Vietname do Sul, o que perfaz uns 9.000 Km².

- Um general americano morto no Vietname: Keith Ware, general de divisão e comandante da 1ª divisão de infantaria americana foi morto a 14.9, quando se deslocava de helicóptero. É o quarto general americano a morrer no Vietname.

...!...!...!...!...!...!...!!!!...!...!...!...!...!...!
CAMARADAS TRABALHADORES: a falta de espaço impossibilita-nos a publicação de 2 artigos, um sobre a situação em Portugal e outro sobre a situação na Checoslováquia, nos quais definimos os nossos pontos de vista. Será para breve a publicação do 1º e em seguida a do 2º.

do povo e para o povo

II. O PROBLEMA FUNDAMENTAL DA FILOSOFIA.

1. Como devemos começar o estudo da filosofia?

Na nossa introdução, dissemos várias vezes que a filosofia do materialismo dialéctico era a base do marxismo.

O fim a que nos propomos, é o estudo desta filosofia; mas, para atingir esse fim, é-nos necessário avançar por etapas.

Quando falamos do materialismo dialéctico, temos diante de nós duas palavras: materialismo e dialéctica, o que significa que o materialismo é dialéctico. Nós sabemos que antes de Marx e de Engels o materialismo já existia, mas que foram eles, com a ajuda das descobertas do século XIX, que transformaram este materialismo e criaram o materialismo "dialéctico".

Examinaremos mais tarde o sentido da palavra "dialéctica", que designa a forma moderna do materialismo.

Mas dado que, antes de Marx e de Engels, existiram filósofos materialistas (por exemplo, Diderot no séc. 18), e dado que existem pontos comuns a todos os materialistas, é-nos necessário estudar a história do materialismo antes de abordar o materialismo dialéctico. É-nos necessário conhecer igualmente as concepções que se opõem ao materialismo.

2. Duas maneiras de explicar o mundo.

Vimos que a filosofia é "o estudo dos problemas mais gerais" e que ela tem como finalidade a explicação do mundo, da natureza, do homem.

Se nos abrimos um manual de filosofia burguesa, ficamos espantados com a multitude de filosofias variadas que aí encontramos. Elas são designadas por múltiplas palavras mais ou menos complicadas que terminam em "ismo": o criticismo, o evolucionismo, o intelectualismo, etc, e esta multitude cria a confusão. Aliás, a burguesia nada fez para esclarecer a situação, pelo contrário. Mas nós podemos já separar todos estes sistemas e distinguir duas grandes correntes, duas concepções radicalmente opostas:

- a) A concepção científica.
- b) A concepção não-científica do mundo.

3. A matéria e o espírito.

Quando os filósofos tentaram explicar o mundo, a natureza, o homem, enfim, tudo o que nos rodeia, viram-se na necessidade de fazer distinções. Nós mesmos verificamos que existem coisas, objectos que são materiais, que nós vemos e que apalpamos. E outras realidades que nós não vemos e não podemos apalpar, nem medir, como as nossas ideias.

Portanto nós classificamos assim as coisas: por um lado, as que são materiais; por outro lado, as que não são materiais e que são do domínio do espírito, do pensamento, das ideias. Foi assim que os filósofos se encontraram em presença da matéria e do espírito.

4. O que é a matéria? O que é o espírito?

Acabámos de ver, duma maneira geral, como se chegou a esta classificação das coisas, segundo elas são matéria ou espírito. Mas devemos precisar que esta diferença se faz de diferentes maneiras e com palavras diferentes. Assim, em vez de falar do espírito, nós podemos também fa-

lar do pensamento, das nossas ideias, da nossa consciência, da alma, e da mesma maneira, se falarmos da natureza, do mundo, da terra, do ser, trata-se da matéria.

Igualmente, quando Engels, no seu livro "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã", fala do ser e do pensamento, o ser é a matéria, o pensamento é o espírito.

Para definir o que é o pensamento ou o espírito e o ser ou a matéria, nós diremos:

O pensamento é a ideia que nós fazemos das coisas; algumas destas ideias vêm-nos normalmente das nossas sensações e correspondem a objectos materiais; outras ideias, como as de deus, da filosofia, do infinito, do próprio pensamento, não correspondem a objectos materiais. O essencial que se deve reter aqui, é que nós temos ideias, pensamentos, sentimentos, porque nós vemos e que nós sentimos.

A matéria ou o ser, é o que as nossas sensações e as nossas percepções nos mostram e nos apresentam, é, duma maneira geral, tudo o que nos rodeia, aquilo a que chamamos o "mundo exterior". Exemplo: a minha folha de papel é branca. Saber que ela é branca, é uma ideia, e são os meus sentidos que me dão esta ideia. Mas a matéria, é a própria folha.

É por isso que, quando os filósofos falam das relações entre o ser e o pensamento, ou entre o espírito e a matéria, ou entre a consciência e o cérebro, etc., tudo isso trata do mesmo problema e significa: qual é, da matéria ou do espírito, do ser ou do pensamento, o termo mais importante? Qual é aquele que é anterior ao outro? Tal é a questão fundamental da filosofia.

5. A questão ou o problema fundamental da filosofia.

Todos nós nos interrogamos sobre o que seremos depois da morte, donde vem o mundo, como se formou a terra. É-nos difícil aceitar que tenha sempre existido qualquer coisa. Temos tendência a pensar que a um dado momento não existia nada. É por isso que é mais fácil de acreditar no que ensina a religião: "O espírito planava por cima das trevas... depois veio a matéria". Da mesma maneira perguntamos onde estão os nossos pensamentos, e assim se põe para nós o problema das relações que existem entre o espírito e a matéria, entre o cérebro e o pensamento. Existem, aliás, outras maneiras de pôr o problema. Por

exemplo, quais são as relações entre a vontade e o poder? A vontade é aqui, o espírito, o pensamento; e o poder, é o que é possível, é o ser, a matéria. Nós encontramos também, muitas vezes, a questão das relações entre a "consciência social" e a "existência social".

A questão fundamental da filosofia apresenta-se pois, sob diferentes aspectos e nós vemos como é importante reconhecer sempre a maneira como se põe o problema das relações da matéria e do espírito, porque nós sabemos que só existem duas respostas a esta questão:

1. uma resposta científica.
2. uma resposta não-científica.

6. Idealismo ou materialismo.

Foi assim que os filósofos foram levados a tomar posição quanto a este importante problema.

Os primeiros homens, completamente ignorantes, não tendo nenhum conhecimento do mundo nem deles mesmos, e não dispendo senão de fracos meios técnicos para actuarem no mundo, atribuíam a seres sobrenaturais a responsabilidade de tudo o que os espantava. Na sua imaginação, excitada pelos sonhos onde eles viam viver os semelhantes e eles mesmos, chegaram a esta concepção que cada um de nós tinha uma existência dupla. Perturbados pela ideia deste "duplo", eles chegaram a convencerem-se de que os seus pensamentos e as suas sensações eram produzidas não pelo seu "próprio corpo mas por uma alma especial que habitava este corpo e o abandonava no momento da morte".

Consequentemente, nasceu esta ideia da imortalidade da alma e duma vida possível do espírito fora da matéria.

Da mesma maneira, a sua fraqueza, a sua inquietude perante as forças da natureza, perante todos estes fenómenos que eles não compreendiam e que o estado da técnica não lhes permitia dominar (germinação, tempestades, inundações, etc.) leva-os a pensar que por detrás destas forças existem seres todos-poderosos, "espíritos" ou "deuses", bemfazejos ou malfazejos, mas, em todo o caso, caprichosos.

Da mesma forma, eles acreditavam em deuses, em seres mais poderosos que os homens, mas eles imaginavam-os sob a forma de homens ou de animais, como corpos materiais.

Foi somente mais tarde que as almas e os deuses (a seguir um Deus único que substituiu os deuses) foram concebidos como puros espíritos.

Chegou-se então à ideia que existe na realidade espíritos que têm uma vida completamente específica e independente da dos corpos, e que não têm necessidade dos corpos para existir.

Depois, esta questão surgiu de uma maneira mais precisa em função da religião, sob esta forma:

"Foi o mundo criado por Deus ou existiu ele toda a eternidade?

Segundo a maneira como eles respondiam a esta questão, os filósofos dividiam-se em dois grandes campos".

Aqueles que, adoptando a explicação não-científica, admitiam a criação do mundo por Deus, quer dizer, que afirmavam que o espírito tinha criado a matéria, esses formavam o campo do idealismo.

Os outros, aqueles que procuravam dar uma explicação científica do mundo e que pensavam que a natureza, a matéria era o elemento principal, esses pertenciam às diferentes escolas do materialismo.

Na origem, estas duas expressões, idealismo e materialismo, não significam outra coisa que isso.

O idealismo e o materialismo dão, pois, duas respostas opostas e contraditórias ao problema fundamental da filosofia.

O idealismo é a concepção não-científica. O materialismo é a concepção científica do mundo.

Veremos mais tarde as provas desta afirmação, mas nós podemos dizer desde já que, se se constata pela experiência que existem corpos sem pensamento, como as pedras, os metais, a terra, pelo contrário, não se constata nunca a existência de espírito sem corpo.

Para terminar este capítulo sobre uma conclusão sem equívoco, vemos que para responder a esta pergunta: como se explica que o homem pense? Não podem existir senão duas respostas completamente diferentes e totalmente opostas:

1ª resposta: o homem pensa porque tem uma alma.

2ª resposta: o homem pensa porque tem um cérebro.

Consoante nos dermos uma ou outra resposta, seremos levados a dar soluções diferentes aos problemas que derivam desta questão.

Consoante a nossa resposta nós seremos idealistas ou materialistas.

poesia popular

CANTA CAMARADA CANTA

(Cantiga Popular
da Beira Alta)

Canta camarada canta
Canta que ninguém te afronta
Que esta minha espada corta
Dos copos até à ponta

Eu hei-de morrer de um tiro
Ou de uma espada de ponta
Se hei-de morrer amanhã
Morra hoje, tanto monta

Tenho sina de morrer
Na ponta de uma navalha
Toda a vida ouvi dizer
Morra o homem na batalha

Viva a malta, trema a terra,
Daqui ninguém arredou
Quem há-de tremer na guerra
Sendo um homem como eu sou

QUADRA POPULAR ALENTEJANA

(da autoria de um
operário agrícola)

Deitei a semente à terra
À terra que nos dá o pão
Agora quero comer
E o trigo na Federação

.. .. .

lê, estuda e divulga

A VOZ DO POVO